



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

AS CRÔNICAS DA (IM)PRODUTIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS FORMATIVOS  
*HÁPAX LEGOMENON E QUASI-HÁPAX*

SARAH BATISTA SANTOS

RIO DE JANEIRO

2023

SARAH BATISTA SANTOS

AS CRÔNICAS DA (IM)PRODUTIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS FORMATIVOS  
*HÁPAX LEGOMENON E QUASI-HÁPAX*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
Literaturas.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre  
Victorio Gonçalves

RIO DE JANEIRO

2023

**SARAH BATISTA SANTOS**

DRE 117213982

**AS CRÔNICAS DA (IM)PRODUTIVIDADE:**

**UM ESTUDO SOBRE OS FORMATIVOS *HÁPAX LEGOMENON* E *QUASI-HÁPAX***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Aprovado em: 23/11/2023.

Banca Examinadora:



NOTA: 10,0

---

Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves – Departamento de Letras Vernáculas / UFRJ  
– Universidade Federal do Rio de Janeiro – SIAPE 1124046



NOTA: 10,0

---

Prof. Me. Wallace Bezerra de Carvalho – SIAPE: 3160271  
IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

MÉDIA:10,0

Dedicado à minha mãe, Luciene – meu abrigo,  
meu colo e meu chão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, meu alicerce, pela porção de sabedoria e graça concedida.

À minha família – Eduardo, Luciene e Lana -minha rede de apoio, principal torcida, companhia e real motivação para persistir.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, por todo suporte, amparo, acolhimento e ensinamentos.

Ao meu amigo e parceiro de pesquisa Marcos Antonio Gomes Lima Filho pelas aprendizagens, trocas importantes, risadas e tantas outras descobertas que fizemos juntos, pesquisando nesse universo dos processos de formação de palavras.

Aos meus amigos de graduação e de vida – Laura, Evandro, Rodrigo, Gabriela Monteiro, Lorryne, Anderson, Mateus, Carol, João e Gabriella Botelho, que foram abraço nos meus dias mais difíceis.

“[...]escrito através de longos anos de aflições e  
esperanças, e negócios urgentes e amores  
contrariadíssimos [...] Procura-se um caderninho  
azul escrito a lápis e tinta e sangue, suor e  
lágrimas, com setenta por cento de endereços  
caducos e cancelados e telefones retirados e,  
portanto, absolutamente necessários e urgentes e  
irreconstituíveis.”

**Rubem Braga**

## RESUMO

O presente trabalho é uma análise dos formativos não-recorrentes, nomeados, nos termos de Gonçalves (2019), como Hápax Legomenon (única ocorrência) e Quasi-Hápax (ocorrência limitada). Os pseudo-sufixos foram inventariados e analisados com base na discussão literária sobre o conceito de produtividade morfológica iniciada por Aronoff (1976), Basílio (1980), Corbin (1987), Anderson (1992), Baayen (1992) e Bauer (2001). A partir disso, foram formuladas hipóteses que buscam rascunhar as chances das Regras de Análise Estrutural relacionarem-se às Regras de Formação de Palavras, além da testagem e ilustração dos dados por meio de pesquisas em ferramentas e busca online, recortes de situações reais de uso linguístico extraídas do Twitter e testes linguísticos aplicados em falantes. Os dados obtidos foram escalados em um *continuum*, de acordo com a sua rentabilidade, a fim de mapear o índice de aplicabilidade dos formativos.

**Palavras-chave:** Produtividade morfológica. Afixos. Formação de palavras.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultado do Teste 1 com falantes: par Cas[-inha] X Cas[-ebre]	25
Gráfico 2 – Resultado do Teste 1 com falantes: par Lugar[z+[-inho] X Lugar[-ejo]	25
Gráfico 3 – Resultado do Teste 2: Rodeio (sufixo) X Rodízio (hápx legomenon)	31
Gráfico 4 – Resultado do Teste 2: Dentudo (sufixo) X Dentuço (quasi-hápx)	32
Gráfico 5 – Resultado do Teste 2: Barbinha (sufixo) X Barbicha (quasi-hápx)	32

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Lugarejo” (Ilustração)	26
Figura 2 – Usos de “corpão” e “corpanzil” em contextos não monitorados	27
Figura 3 – Usos de “casinha” e “casebre” em contextos não monitorados	29
Figura 4 – Escala de rentabilidade das categorias HL, QH e sufixos	32

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Inventário de afixos hápax legomenon	21
Tabela 2 – Inventário de afixos quasi-hápax (formadores de substantivos)	21
Tabela 3 – Inventário de afixos quasi-hápax (formadores de adjetivos)	22
Tabela 4 – Comparativo dos índices aproximados de aplicabilidade entre [-inha] e [-ebre]	23

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sufixos que promovem mudança de sentido e/ou classe gramatical	19
Quadro 2 – Exemplos de pseudo-sufixos	19
Quadro 3 – Rentabilidade inicial dos hápax legomenon, quasi-hápax e sufixos	20
Quadro 4 – Estrutura das questões do Teste 1 com falantes	24

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. SOBRE O CONCEITO DE (IM)PRODUTIVIDADE.....	16
3. ELEMENTOS FORMAIS PSEUDO-SUFIXAIS.....	19
3.1 Hápax Legomenon.....	19
3.2. Quasi-hápax.....	20
4. HIPÓTESES PARA BAIXA RECORRÊNCIA.....	23
4.1. Critérios da subjetividade e especificidade.....	23
4.2. Concorrência entre formativos e fenômeno do bloqueio.....	27
5. ESCALA DE RENTABILIDADE DOS FORMATIVOS.....	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35



## 1. INTRODUÇÃO

Os processos de formação de palavras, para além da combinação de formativos e bases e da aplicação de mecanismos gramaticais, estão vinculados às necessidades de expressão e manifestações linguísticas dos falantes. Assim, todo falante naturalmente aplica diferentes afixos a diferentes bases, a fim de que as combinações veiculem as informações e os dados necessários para o sucesso do evento comunicativo. Portanto, para que essa prática ocorra de maneira intuitiva, é necessário que os formativos disponíveis para as novas construções obedçam a alguns critérios. No caso dos sufixos, especialmente, são eles: ser uma forma presa; possuir significação; ser aplicável a diferentes bases, com atualização de sentido a cada combinação. Assim:

(01) Jornal[eiro], em que o sufixo [-eiro], nesse contexto, tem o valor agentivo (“profissional de X”), com significado atualizado a cada combinação com diferentes nomes (jardim; barba).

No entanto, cabe observar que os critérios acima demonstrados garantem a recursividade dos formativos, mas é possível manter a funcionalidade do processo de derivação se alguns não forem totalmente atendidos. Os formativos que não atendem a esses critérios, especialmente ao da alta aplicabilidade – e que, por isso, resultam em produções únicas/isoladas ou com baixa ocorrência, mas que permitem sua isolabilidade – são os objetos de estudo deste trabalho. Tais unidades são denominadas de Hápax Legomenon e Quasi-Hápax, nos termos de Gonçalves (2019). Além disso, buscamos suporte também em Basílio (1980) e Bauer (2001) para entendermos em quais contextos as chamadas Regras de Análise Estrutural (as que possibilitam o reconhecimento de estruturas morfológicas) podem ser convertidas em Regras de Formação de Palavras (as que permitem a expansão do léxico, ao amparar novas criações) de uso recorrente dos falantes.

Embasados nesses e em outros autores, apresentamos hipóteses, utilizando critérios extralinguísticos, de concorrência e considerando os graus de subjetividade ou especificidade. Para tanto, executamos testes com falantes, com o fim de comprovar ou negar as hipóteses levantadas. Nossos objetivos são inventariar os sufixoides (hápax sufixais) existentes em português; descrever o seu comportamento; analisar seu valor e uso; sistematizá-los de acordo com as suas ocorrências, a fim de fornecer ferramentas para mensurar o seu estatuto atual na língua: em avanço, estável/cristalizado ou em desaparecimento.

Portanto, o presente trabalho inicia problematizando o conceito de improdutividade na literatura, seguido da apresentação dos elementos formais estudados e inventariados ao longo desta pesquisa. Logo após, são apresentadas as hipóteses que motivariam a baixa recorrência de alguns afixos, exemplificadas com dados extraídos do Twitter, para, por fim, sistematizar os formativos em uma escala de acordo com a sua rentabilidade.

## 2. SOBRE O CONCEITO DE (IM)PRODUTIVIDADE

A discussão sobre em que consiste o conceito de produtividade é complexa, porque pode ser fundamentada a partir de diferentes critérios e objetivos, como quantidade, rentabilidade e frequência, eficiência, disponibilidade e possibilidades. Todos esses critérios são essenciais para analisarmos e entendermos as diferentes possibilidades de descrição dos formativos, além de nos ajudar a entender como melhor agrupá-los de acordo com as suas características. Por essa razão, cabe realizar uma revisão dos autores que estabeleceram instrumentos para a análise das antigas Regras de Formação de Palavras (termo designado, a partir daqui, como RFPs), na esteira da literatura de inflexão mais gerativista.

A partir das ideias de que léxico corresponde a uma listagem de palavras e de que produtividade equivale à quantidade, Aronoff (1976) estabeleceu como estratégia a confecção de uma lista das palavras oriundas de cada Regra de Formação de Palavras para comparar a quantidade de formações resultantes e, assim, determinar, entre as RFPs analisadas, qual é mais produtiva. Entretanto, o autor entende que esse método pode não considerar as restrições relacionadas à base e à classe de palavras. Além disso, outros problemas – como a tarefa pouco prática de listar cada nova palavra formada e que nem todas as formações integram o léxico – são identificados.

Já Basílio (1980), por sua vez, entende que as operações morfológicas são regidas por princípios como o conhecimento lexical dos falantes, a formação de palavras a partir de regras morfológicas e como isso reflete em uma análise da estrutura de entradas lexicais resultantes das RFPs mais utilizadas – questões herdadas da gramática gerativa. Assim, para a autora, toda RFP possui uma Regra de Análise Estrutural (RAE), ainda que nem toda RAE se concretize em uma RFP, entendendo que a percepção e as possibilidades independem da produtividade. Dessa forma, a autora conclui que RFPs com menor índice de produtividade podem ser transparentes para os falantes, porque são possíveis – ainda que não sejam recorrentes.

De maneira complementar, Corbin (1987) reitera que produtividade não consiste apenas na rentabilidade (ter mais ou menos usos) de uma Regra de Formação de Palavras. Para a autora, trata-se da *disponibilidade*, ou seja, o oferecimento de uma RFP para ser utilizada na formação de novas palavras pelos falantes. Essa ideia é sustentada pela visão de que a rentabilidade segue uma lógica discursiva e, portanto, está sujeita a variações, enquanto a disponibilidade segue uma lógica linguística, com as manifestações da competência lexical.

Assim sendo, é a partir de inferências sobre o léxico que são estabelecidos indícios da disponibilidade de uma RFP, e o conceito de produtividade, para além do quantitativo, é avaliado pelo potencial que uma Regra de Formação de Palavras tem para implementar transformações na língua.

Em seguida, Toledo (2000), observa que Anderson (1992), em oposição ao Princípio da Não Redundância do modelo gerativo – que afirma que regras e representações de uma gramática não repetem informações – não se ocupa em pensar sobre o porquê de muitas formas existirem, mas sim em quantas formas previstas por uma regra são possibilidades reais. Além disso, o autor busca entender também porque algumas formas possíveis a partir de uma RFP sofrem bloqueios, e qual é a natureza dessas restrições, reiterando o Princípio do Bloqueio, já apresentado em Aronoff (1976). Os apontamentos do autor levaram à constatação de que uma RFP mais produtiva bloqueia qualquer outra que resulte em uma forma com conteúdo análogo ao da primeira.

Em contraponto às abordagens qualitativas anteriores, Toledo (2000) mostra que Baayen (1992) analisa os processos morfológicos sob a ótica quantitativa, estabelecendo como produtiva a RFP que gera mais palavras do que as outras a partir de um índice. O autor postula ainda sobre como a transparência semântica não ocorre em formações envolvendo formas morfológicamente complexas (opacas semanticamente), pois não é possível prever seu significado a partir de uma leitura composicional.

Ademais, em contribuição, Baayen propõe exigências importantes para definir produtividade, como as seguintes: o ranqueamento das RFPs por análise quantitativa junto da intuição dos falantes; o registro de estatísticas de introdução de um elemento em novas combinações; a percepção de uma produtividade menor para os itens com conteúdo semântico incomum; a relação complexa entre produtividade e frequência, que vai além do levantamento da frequência *type*.

Por fim, Bauer (2001) retoma a discussão sob o âmbito qualitativo e critica as generalizações que tendem a consolidar marcas linguísticas mais produtivas como regras, simplesmente porque listam as marcas não produtivas no léxico. Em edição, Bauer afirma que, para estabelecer um grupo de palavras potenciais ou possíveis como medida de produtividade, é importante ter critérios para definir uma palavra como existente, diferindo *palavras cunhadas* (que não integram a norma dos falantes) dos *neologismos* (que entram no léxico). Portanto, para Bauer, produtividade não pode ser medida apenas pela frequência

*type*<sup>1</sup>, visto que se trata de um registro do passado, sendo primordial entender os processos e transformações linguísticas que provocaram as mudanças na estrutura da língua que levaram ao estado atual.

Depreende-se, a partir da revisão feita, que quantidade, rentabilidade/frequência, eficiência, disponibilidade e possibilidade são fatores importantes para a análise de formativos. Entretanto, tratando-se de afixos não convencionais, os critérios da disponibilidade e possibilidade são os que consideramos mais eficientes para buscar explicações para a sua coexistência com formas já cristalizadas e entender a sua produtividade. No próximo capítulo, definimos esse tipo de unidade morfológica.

---

<sup>1</sup> Nos trabalhos de orientação mais funcionalista, distingue frequência de *type* (tipo) de frequência de ocorrência (*token*), tal como o faz Bybee desde o trabalho pioneiro de (1985).

### 3. ELEMENTOS FORMAIS PSEUDO-SUFIXAIS

Definimos como sufixos as formas presas pospostas aos radicais para produção de palavras derivadas, com a possibilidade promover mudanças em seu sentido ou na classe gramatical de origem.

**Quadro 1 – Sufixos que promovem mudança de sentido e/ou classe gramatical**

Brincar (verbo)	+ [-alhão]	= Brincalhão (adjetivo)
Real (substantivo)	+ [-izar]	= Realizar (verbo)

Fonte: Elaboração própria

Entretanto, ainda que esses elementos formais tenham a aplicabilidade como uma de suas principais características, nem todos alcançam os mesmos níveis de rentabilidade. Esses formativos podem ser tratados como Hápax Legomenon e Quasi-Hápax, de acordo com os seus índices de quantidade e frequência.

#### 3.1. Hápax Legomenon

*Hápax Legomenon* é uma expressão grega para nomear “aquilo que é dito uma vez só”, adotada no campo dos estudos morfológicos por autores como Gonçalves (2019). Assim, a terminologia designa elementos formais de uma única recorrência, capazes ainda de conferir ao item morfológicamente complexo a que se aliam um sentido exclusivo, específico e não previsível.

No âmbito do português, até onde se conhece, foi Rocha (1998) o primeiro autor que chamou atenção para o fenômeno, chamando os casos a seguir de sufixoides, elementos que “conferem às palavras significados únicos, exclusivos específicos” (Rocha, 1998, p. 124):

**Quadro 2 – Exemplos de pseudo-sufixos**

ferrolho	marisco	fogaréu	casebre
marujo	rabiola	copázio	longínquo

Fonte: GONÇALVES, C. A. V.; GOMES FILHO, M. A.; SANTOS, S. B., 2022.

No entanto, apesar de esses formativos resultarem em produções únicas, esses casos não são isolados, visto que os elementos formais que compartilham dessas características são

inúmeros e nem são todos arcaicos, pois continuam emergindo das necessidades comunicativas dos falantes a todo momento.

### 3.2. *Quasi-hápax*

De maneira similar, temos também o grupo dos formativos *Quasi-hápax* com um índice um pouco maior de rentabilidade – mas que também não é alto para equiparar-se ao nível de aplicabilidade dos sufixos mais convencionais – além de possuir origem etimológica pouco acessível, como o grupo dos *hápax legomenon*. Assim, retomando os esquemas de RAEs e RFPs desenhados por Basílio, podemos ilustrar inicialmente a rentabilidade dessas categorias com os exemplos a seguir:

**Quadro 3 – Rentabilidade inicial dos hápax legomenon, quasi-hápax e sufixos**

<i>Hápax Legomenon</i>	<i>Quasi-hápax</i>	Sufixos	
[[X] n –ebre] n	[[X] n –edo] n	[[X] n –inho/a] n	[[X] adj –ice] n
1 (uma) ocorrência	5 (cinco) ocorrências	Formações em série	

Fonte: Elaboração própria

A partir dessas constatações, assumimos três critérios fronteiriços para diferenciar os formativos da categoria *hápax*:

- 1) estar aliado a uma base transparente,
- 2) ter origem etimológica obscura ou pouco acessível e possuir uma única ocorrência;
- 3) os formativos da categoria *quasi-hápax* podem se estender até 10 (dez) ocorrências. Obviamente, trata-se de uma escolha arbitrária, mas efetivamente necessária para estipular o que vem a ser baixa frequência.

Com base nesses critérios, utilizamos dicionários eletrônicos, gramáticas e ferramentas de busca avançada online como *Palavras.net* e *Palavrasque.com* para listar grupos de palavras originadas a partir dos sufixoides identificados. Nas duas últimas mencionadas, realizamos o seguinte procedimento: digitamos os formativos e selecionamos os filtros necessários para que a ferramenta de busca nos retornasse todas as palavras que incluíam a mesma sequência em posição sufixal, que é o nosso recorte de estudo.

Em seguida, aplicamos os critérios apresentados para eliminar segmentos que não possuíam status de afixo ou que estavam mais próximos da classificação de um sufixo

tradicional, repetindo todo o processo a cada nova suspeita de sufixoide antes de inseri-lo no corpus. Por fim, a metodologia descrita e os esforços aplicados resultaram no seguinte levantamento de dados:

**Tabela 1 - Inventário de afixos *Hápax Legomenon***

-UM	Bebum		-AVAL	Carnaval
-UJO	Marujo		-ASCA	Nevasca
-EBRE	Casebre		-UCA	Brazuca
-ILO	Mamilo		-IXA	Largatixa
-ANZIL	Corpanzil		-OILA	Moçoila
-ULHO	Pedregulho		-UME	Azedume
-ARDO	Felizardo		-AU	Colorau
-OLHO	Ferrolho		-ARRA	Bocarra
-ÍZIO	Rodízio		-INGAR	Choramingar
-IGO	Jazigo		-ANCA	Pelanca

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 2 - Inventário de afixos *Quasi-hápax* (formadores de substantivos)**

-aca	velhaca	friaca	----	----	----
-ulo	glóbulo	grânulo	----	----	----
-isco	chuvisco	asterisco	----	----	----
-eba	mistureba	natureba	----	----	----
-aréu	fogaréu	povaréu	casaréu	----	----
-ejo	sertanejo	vilarejo	lugarejo	----	----
-ê	miserê	fumacê	lamacê	----	----
-úsculo	maiúsculo	minúsculo	corpúsculo	----	----
-icho/a	barbicha	rabicho	pinguicho	governicho	----
-únculo	furúnculo	homúnculo	pedúnculo	carbúnculo	----
-ázio	copázio	balázio	folhetázio	golpázio	----

<b>-alho</b>	cabeçalho	espantalho	penduricalho	ramalho	----
<b>-onho</b>	risonho	tristonho	enfadonho	medonho	----
<b>-acho</b>	riacho	penacho	fogacho	populacho	covacho
<b>-im</b>	boletim	camarim	lagostim	festim	folhetim
<b>-astro</b>	musicastro	poetastro	politicastro	medicastro	filosofastro
<b>-áculo</b>	tabernáculo	cenáculo	espetáculo	receptáculo	habitáculo
<b>-ículo</b>	cubículo	folículo	versículo	fascículo	ventrículo

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 3 - Inventário de afixos *Quasi-hápax* (formadores de adjetivos)**

<b>-uço</b>	dentuço	pinguço	----	----	----
<b>-engo/a</b>	monstrengo	mulherengo	molengo	----	----
<b>-ucho/a</b>	gorducho	fofucho	pequerrucho	papelucho	----

Fonte: Elaboração própria

No próximo capítulo, tentaremos explicar essas unidades a que chegamos.

#### 4. HIPÓTESES PARA A BAIXA RECORRÊNCIA

A partir dos dados obtidos, rascunhamos estratégias de análise que buscassem explicar a baixa recorrência das RAEs que originaram as palavras dos *corpora* apresentados. Todo o procedimento foi pensado com base em testes comparativos e pesquisa com falantes do Português Brasileiro sobre as chances e as preferências de emprego dos formativos.

Segundo Basílio (1987), os processos de formação de palavras possuem três funções: semântica, para a manifestação de um ou mais significados; sintática, para possibilitar a mudança de uma classe de palavras para a outra; discursiva, para a expressão de aspectos subjetivos do emissor. Essa afirmativa explica a razão de, mesmo havendo inúmeras possibilidades já disponíveis, continuamos formando novas palavras para atender a diferentes contextos comunicativos – especialmente quando esse processo, como lembra Quadros (2011), ocorre a partir da “não intencionalidade”, visto que as formações criativas são motivadas pelos interesses estilísticos e independem da intuição gramatical do falante. Entretanto, por mais vastas, constantes e necessárias que sejam, essas novas entradas podem ser acometidas por dois fenômenos que, igualmente, podem prejudicar a sua permanência e aplicabilidade no léxico: a densidade semântica e a concorrência entre formativos.

Para ilustrar as hipóteses e testar o corpus de palavras coletado, foram realizados dois modelos de pesquisas com falantes, cujos resultados serão apresentados a seguir, para fins de exemplificação das postulações.

##### 4.1. Critérios da subjetividade e especificidade

Em primeira análise, a densidade semântica ocorre quando um formativo apresenta um significado muito singular, seja para veicular uma necessidade discursiva do falante ou para designar tipos específicos. Assim, a especificidade desses afixos acaba restringindo o seu uso a contextos ou cenários especiais. Isso pode ser observado, por exemplo, ao compararmos os dados de índice de pesquisa a seguir:

**Tabela 4 – Comparativo dos índices aproximados de aplicabilidade entre [-inha] e [-ebre]**

Radical	Formações concorrentes	Índice de aplicabilidade aproximado (Nº de ocorrências em pesquisas do Google)
---------	------------------------	---

CAS-	Cas-inha	Aproximadamente 61.400.000 resultados (0,50 segundos)
	Cas-ebre	Aproximadamente 403.000 resultados (0,78 segundos)

Fonte: Elaboração própria

No caso dos formativos tradicionalmente classificados pelos dicionários e gramáticas escolares como sinônimos para dimensivos, é perceptível que as afixações não indicam somente tamanho, pois, do contrário, teriam os mesmos índices e seriam aplicadas nos mesmos contextos, alternadamente. Isso acontece porque, segundo Rosa (2009, p. 144), dimensivos expressam a emotividade e subjetividade e, por isso, costumam ser evitados em discursos mais formais ou em situações em que a emotividade do falante deve ser contida ou preservada. Entretanto, pode-se acrescentar à ideia, observando esses dados, que a preferência de um falante por uma forma, para além da permissividade do contexto, pode estar atrelada também ao estar ou não confortável em expor a sua subjetividade, visto que as redes sociais são contextos comunicativos que admitem outras marcas de informalidade.

Para ilustrar a hipótese, submetemos um grupo de 121 participantes voluntários a um teste linguístico, cujo objetivo era relacionar as construções formadas a partir de sufixoides a imagens, a fim de mapear os contextos de uso em que seriam selecionadas. Este primeiro experimento se deu da seguinte maneira: em um formulário online, dispomos duas imagens obtidas como resultado ao pesquisar, no Google Imagens, a base + afixo (o sufixo e o não-recorrente). A instrução dada ao falante era de que deveria relacionar a palavra complexa pelos *hapaces* a uma das imagens. Esse teste visava confirmar se esses formativos eram empregados em contextos gerais ou exclusivos/particulares, o que justificaria a sua baixa recorrência.

Ao observarem os dados, os participantes tinham de votar, em uma escala de 1 a 3, na imagem que associavam à palavra, em que votar “1” significava “associo a palavra à imagem à esquerda”; “3”, “associo a palavra à imagem à direita”; “2”, “julgo não haver diferença entre as imagens”. Assim:

---

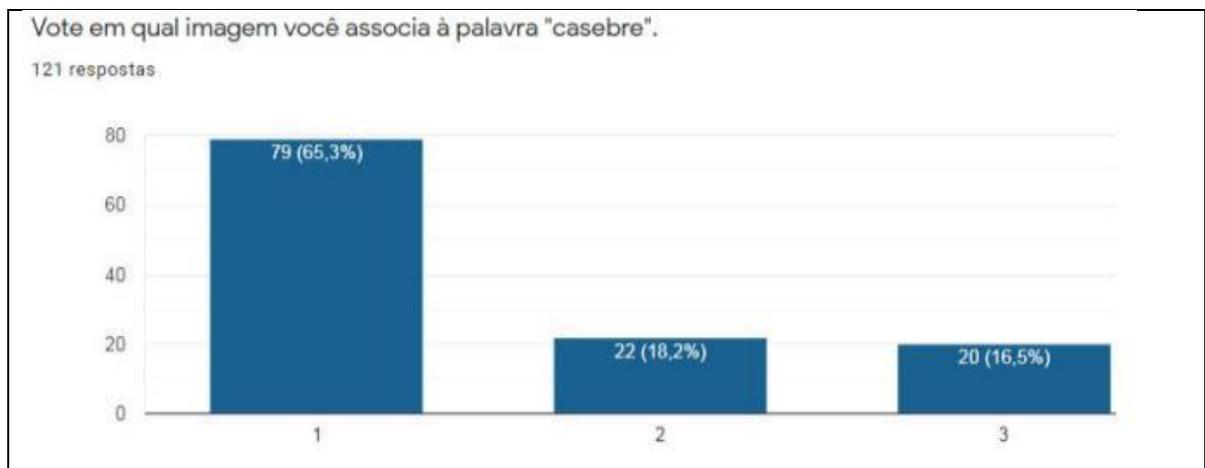
#### Quadro 4 – Estrutura das questões do Teste 1 com falantes

CASEBRE		
		
<i>Reprodução: Google Imagens</i>		<i>Reprodução: Google Imagens</i>
1 - Associo a palavra à imagem à esquerda.	2 - Julgo não haver diferença entre as imagens.	3 - Associo a palavra à imagem à direita.

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados obtidos, observamos que, nos quadros comparativos em que havia palavras que designavam objetos mais concretos, foi atingido o resultado esperado: os falantes associaram as construções com pseudo-sufixos a contextos específicos ou a avaliações subjetivas.

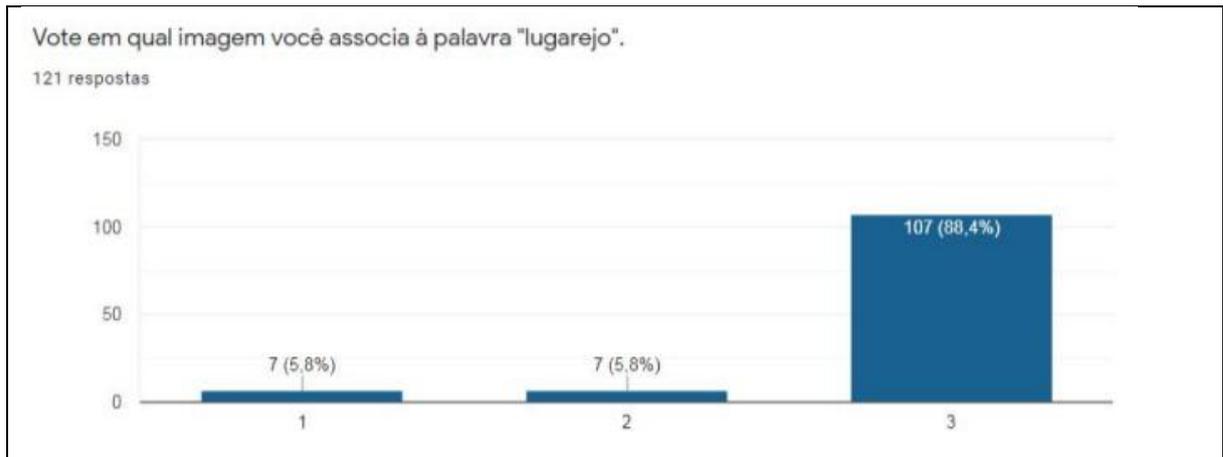
**Gráfico 1 – Resultado do Teste 1 com falantes: par Cas[-inha] X Cas[-ebre]**



Fonte: Elaboração própria

No Gráfico 1, os resultados da questão em que a figura retornada pelo Google Imagens como resultado da pesquisa “casinha” está posicionada em “3” e a figura correspondente à “casebre” está posicionada em “1”. Nessa questão, os falantes associaram a formação “casebre” à imagem que exibe uma moradia em condições precárias, conforme esperado.

**Gráfico 2 – Resultado do Teste 1 com falantes: par Lugar[z+[-inho] X Lugar[-ejo]**



Fonte: Elaboração própria

Resultados similares são vistos no Gráfico 2, em que a figura retornada pelo Google Imagens como resultado da pesquisa “lugarzinho” está posicionada em “1” e a figura correspondente à “lugarinho” está posicionada em “3”. Nessa questão, os falantes associaram a formação “lugarinho” à imagem que exibe um lugar com características rurais, como o que se observa na Figura 1:

**Figura 1: “lugarinho” (Ilustração)**



Fonte: Elaboração própria

Já quando comparados os pares “bêbado X bebum” e “povão X povaréu”, os participantes marcaram a opção 2 - “julgo não haver diferença entre as imagens”. Consideramos que, entre esses pares, o resultado foi inconclusivo por duas questões: (a) a seleção de imagens de sentido ambíguo para a pesquisa; e (b) os conceitos abstratos dos termos.

Dito isso, concluímos então que – especialmente no caso dos dimensionais – sequer existe a relação de sinonímia entre as formas pseudo-sufixais e as cristalizadas, e que os formativos *hápax legomenon* e *quasi-hápax* perdem em concorrência na disputa com RAES convencionais por conta dos contextos de aplicabilidade restritos, não configurando uma RFP.

#### 4.2. Concorrência entre formativos e fenômeno do bloqueio

Já a concorrência entre formativos acontece quando o sufixo possui significação e/ou contexto de aplicabilidade similar ao de sufixos produtivos mais consagrados e já cristalizados. Por conta disso, os formativos de uso particular, subjetivo e limitado - que não recebem atualizações para novos contextos - são preteridos em relação aos sufixos tradicionais e cristalizados, o que afeta a sua permanência e sustentação no léxico, aumentando, assim, o risco de sofrerem desbotamento.

Para ilustrar, utilizamos a ferramenta de busca avançada da rede social Twitter e selecionamos contexto sem que seria possível aplicar um formativo hápax legomenon ou quasi-hápax, mas que, ainda sim, o falante preferiu selecionar uma construção mais convencional.

**Figura 2 – Usos de “corpão” e “corpanzil” em contextos não monitorados**



Fonte: Twitter (Adaptado)

A partir dos tweets reproduzidos na Figura 2, constatamos que, apesar de os afixos em “corpão” e “corpanzil” serem tradicionalmente indicados como aumentativos para “corpo”,

não são igualmente aplicados. Mesmo quando não indica tamanho, mas avaliação ou julgamento, a construção “corpão” é utilizada para referir “corpo definido”, que corresponde aos padrões de beleza atuais, enquanto “corpanzil” é empregado em contextos mais cômicos, semelhantes ao da publicação que utiliza a foto de um idoso fotografado na praia. Vejamos a situação de ‘casinha’ e ‘casebre’:

Figura 3 – Usos de “casinha” e “casebre” em contextos não monitorados



Fonte: Twitter (Adaptado)

O mesmo fenômeno pode ser observado nos pares exibidos na Figura 3, ao pesquisarmos os usos das formações “casinha” e “casebre” e contrastarmos os seus efeitos de sentido. Também distantes do sentido dimensivo, os dois afixos diminutivos de “casa” são empregados com valor de avaliação. Na maior parte dos usos de “casinha”, em publicações do Twitter, a construção foi empregada para veicular o valor afetivo, sendo, inclusive, utilizada

para nomear espaços de grande metragem<sup>2</sup>. Por outro lado, a formação “casebre” é empregada para veicular a noção de pobreza e referencia moradias humildes ou levantadas utilizando estruturas de construção precárias.

Segundo Aronoff (1976), esses casos de preterição ocorrem por conta do fenômeno do bloqueio, em que, apesar de haver uma RAE possível e disponível e a RFP ser esperada, ela não se concretizará se já houver um sufixo cristalizado que atenda ao contexto comunicativo. Assim, a RFP convencional é aplicada e o sufixoide extraordinário cai em desuso.

Dessa forma, compreende-se que a concorrência entre formativos e o fenômeno do bloqueio impedem que as formações criadas a partir dos sufixoides tenham altos índices em outras bases ou contextos, implicando, por consequência, no congelamento da sua aplicabilidade.

---

<sup>2</sup> Ver exemplo da Figura 3, em que a publicação tem uma foto da “casinha”, que dispõe de um jardim amplo.

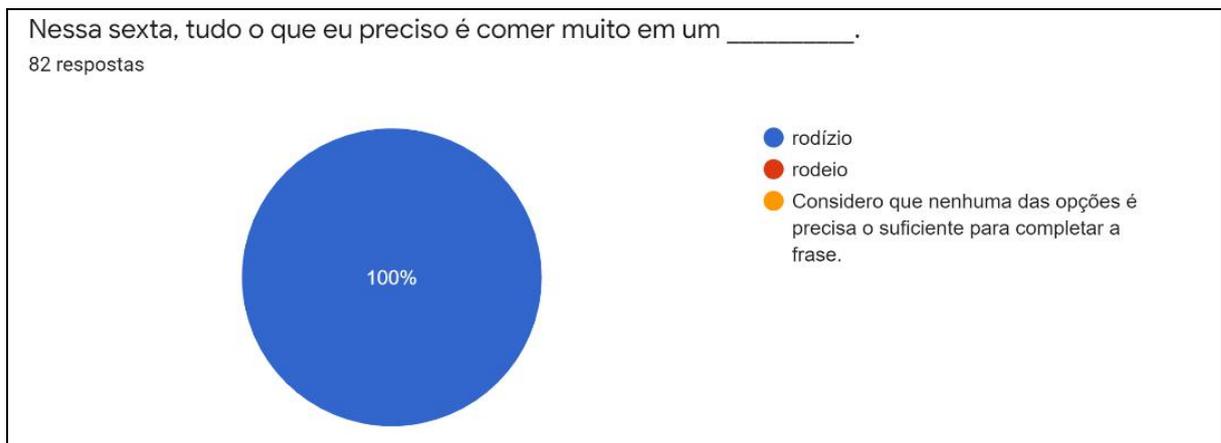
## 5. ESCALA DE RENTABILIDADE DOS FORMATIVOS

Para observar melhor as chances de aplicabilidade, realizamos um segundo teste, a fim de mensurar as chances de um falante optar por uma construção com um formativo não-recorrente em detrimento de um formativo cristalizado em contextos gerais e específicos. Como procedimento, dispomos em um formulário 10 (dez) frases sobre diferentes contextos para que os participantes completassem, optando por um dos vocábulos complexos compostos por sufixos recorrentes e os pseudo-sufixos aqui analisados. Foram disponibilizadas aos participantes, em cada questão, três opções de resposta, incluindo a possibilidade de considerar que nenhum dos termos ofertados era suficientemente preciso para completar a frase. Cabe ressaltar ainda que as opções de respostas foram selecionadas para o teste a partir do critério da sinonímia relativa – ou seja, são formações cujo sentido é classificado pelos dicionários eletrônicos como similar ou equivalente.

A expectativa era de que fosse possível comprovar que os formativos HL e QH são preferidos em contextos de uso com maior grau de subjetividade ou especificidade ou preteridos em contextos mais gerais. Adicionalmente, a pesquisa teve o alcance de 82 participantes, em que 64,6% são mulheres; 58,5% têm de 24 anos em diante; 62,2% têm por nível de escolaridade ensino superior incompleto ou completo.

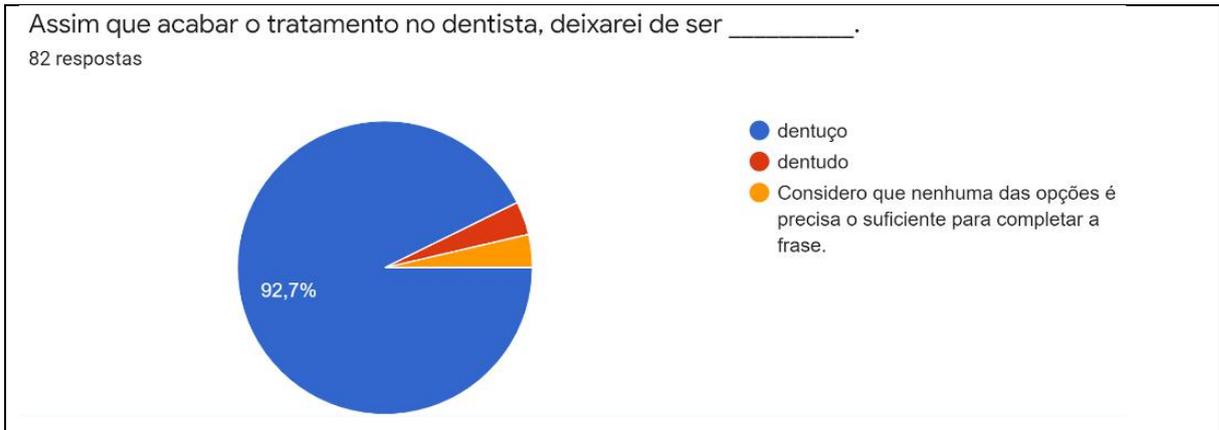
A seguir, alguns exemplos de respostas em que os pseudo-sufixos foram selecionados para atender à especificidade do evento comunicativo.

**Gráfico 3 – Resultado do Teste 2: Rodeio (sufixo) X Rodízio (hápx legomenon)**



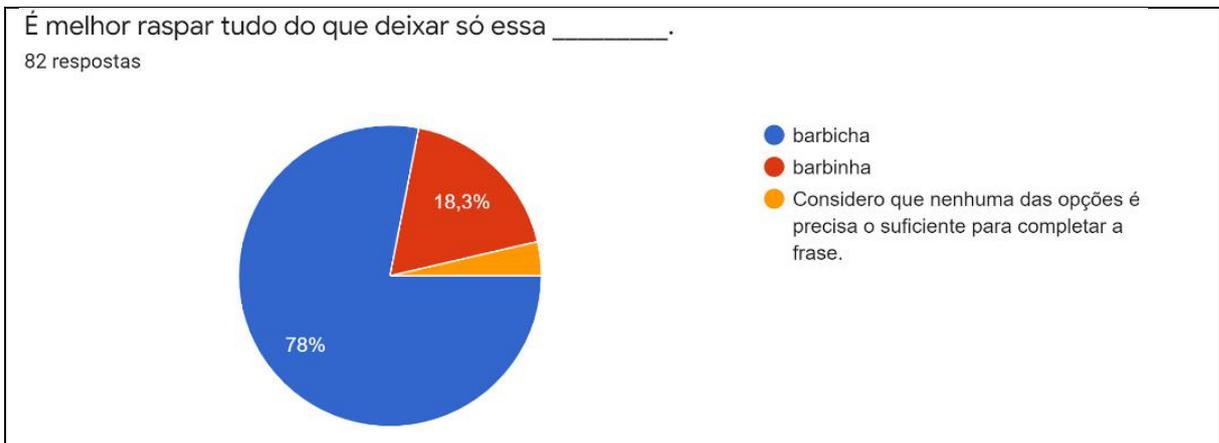
Fonte: Elaboração própria

**Gráfico 4 – Resultado do Teste 2: Dentudo (sufixo) X Dentuço (quasi-hápax)**



Fonte: Elaboração própria

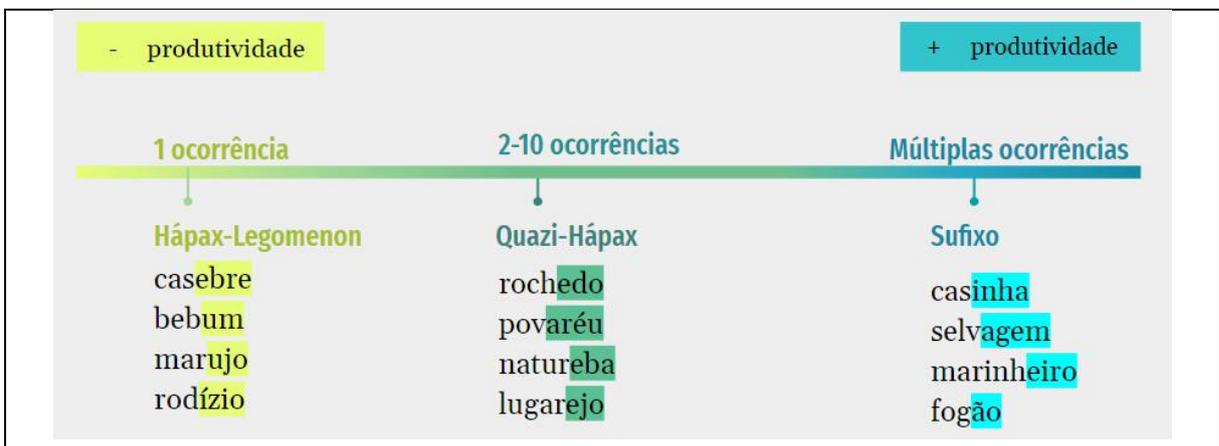
**Gráfico 5 – Resultado do Teste 2: Barbinha (sufixo) X Barbicha (quasi-hápax)**



Fonte: Elaboração própria

Com base na análise dos dados e nas constatações anteriores, é possível formular um *continuum*, com o fim de sistematizar os diferentes níveis de ocorrência e proliferação desses formativos.

**Figura 3 – Escala de rentabilidade das categorias HL, QH e sufixos**



---

Fonte: Elaboração própria

A escala organiza os representantes dos grupos hápax legomenon, quasi-hápax e sufixos de acordo com as suas ocorrências, a fim de mapear os seus índices de aplicabilidade e, futuramente, padrões de comportamento – se estão definitivamente mais propensos ao congelamento ou se podem alcançar a recursividade em bases com características específicas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão do conceito de produtividade e do estudo dos critérios estabelecidos para a definição de Regras de Análise Estrutural (RAE's) e Regras de Formação de Palavras (RFP's) por Aronoff (1976), Basílio (1980), Corbin (1987), Anderson (1992), Baayen (1992), Bauer (2001) e contemporâneos como Gonçalves (2019), o presente trabalho traçou critérios para elencar os formativos integrantes dos grupos hápax legomenon e quasi-hápax.

Para além da formação do corpus, nos ocupamos em entender quais fatores os distinguem dos tradicionais sufixos. Observamos que, apesar do seu índice de aplicabilidade não ser crescente, sob uma ótica qualitativa, esses formativos são igualmente disponíveis, pois estão disponíveis e configuram RAEs aplicáveis. A partir disso, propomos hipóteses pautadas nas teorias de Basílio, Schultink, Rosa e Aronoff e ilustramos as justificativas do porquê de RAEs disponíveis nem sempre serem convertidas em RFPs com dados de pesquisas em contextos discursivos não monitorados e testes com falantes.

Dessa forma, com base nos dados obtidos, concluímos que o excesso de valor subjetivo ou especificidade que os formativos hápax legomenon ou quasi-hápax contêm e adicionam a uma base pode reduzir o seu índice, mas não afeta, em tese, a sua aplicabilidade. Assim, esses formativos continuam disponíveis para seleção, ainda que restrita a contextos comunicativos específicos ou em situações em que graus de subjetividade maiores são admitidos; e perdem apenas em frequência de token quando comparados aos sufixos tradicionais.

Por fim, para uma apresentação final dos formativos, propomos uma sistematização em *continuum*, escalando os afixos de acordo com o seu número de ocorrências, do hápax legomenon (com ocorrências únicas), passando pelos quasi-hápax (de 2 a 10 ocorrências) aos sufixos (com múltiplas ocorrências). O objetivo da escala, para além de contabilizar ocorrências, é servir de instrumento para que se acompanhe, em pesquisas futuras, a evolução dos formativos aqui documentados – se seguem restritos a usos específicos ou criativos ou se podem também alcançar recorrência e alta aplicabilidade em formação de palavras no Português Brasileiro.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. L. Leitão de et al. **Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2009. [p. 141-166]
- ANDERSON, S. R. **A-morphous morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, M. **World formation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1976.
- BASILIO, Margarida. **Estruturas Lexicais do Português**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BASÍLIO, Margarida M. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2a ed., 2a reimpr., 2009.
- BAAYEN, R. H. **Quantitative aspects of morphological productivity**. In Booij, G. E., and Marle, J. van (Eds), *Yearbook of Morphology 1991*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, 109-149, 1992.
- BAUER, L. **Morphological Productivity**. Cambridge University Press, 2001.
- BRAGA, Rubem. **Procura-se**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12109/procura-se>. Acesso em: 15/11/2023.
- CORBIN, D. **Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique**. Tubinga: Max Niemeyer Verlag, 1987.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2a ed., 4a impressão, 1991.
- GONÇALVES, C. A. **Morfologia para o ensino superior**. São Paulo: Parábola, 2019. [p. 64-65]
- GONÇALVES, C. A. V.; GOMES FILHO, M. A. ; SANTOS, S. B. **Sobre bebuns, nudes e naturebas: um estudo sobre hápax sufixal e quasi-hápax à luz da Morfologia Relacional**. In: Soledade, Juliana; Gonçalves, Carlos Alexandre; Simões Neto, Natival. (Org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1, p. 351-369.
- QUADROS, Emanuel Souza. **Reflexões acerca da produtividade morfológica e de sua medição: estudo de sufixos nominalizadores do português**. ReVEL, edição especial n. 5, 2011.

ROCHA, Luiz Carlos. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1989.

\_\_\_\_\_. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1989.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **Produtividade da derivação regressiva no Português Brasileiro: um estudo sobre a vogal final**. Tese (Doutorado em Fonologia e Morfologia) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 29-35. 2020.

TRAVAGLIA, L. C. **Sobre a produtividade da regra de formação de palavras [X]Adj -> [X]Adj. + SUFIXO]Subst. no Português**. In: III Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, 1979.